

# TRANSDUÇÕES POÉTICAS: APONTAMENTOS SOBRE INDIVIDUAÇÃO ENQUANTO PROCESSO CRIATIVO EM ARTE

Elias Maroso

eliasem@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

ISSN 2316-6479

## Resumo

Este artigo tem como finalidade uma aproximação a abordagens filosóficas que salientam a relação processual humano/objeto/meio, situando-as desde uma perspectiva poética artística. Embasado principalmente nos filósofos Gilbert Simondon, Gilles Deleuze e Felix Guattari, o texto divide-se em apontamentos sobre individuação, devir-ciborgue e corpo sem órgãos. A transdução é apontada enquanto elemento da dinâmica de diferenciação tanto no fazer artístico quanto em uma concepção metaestável de indivíduos/unidades, esta voltada a fundamentos característicos sobre a constituição dos seres.

**Palavras-chave:** arte, individuação, transdução, processo criativo

## Abstract

This paper aims at an approximation of philosophical approaches that emphasize the procedural relationship human/object/environment and situate them from the perspective of poetic art. Based especially the philosophers Gilbert Simondon Gilles Deleuze and Felix Guattari, the text is divided into notes on individuation, becoming-cyborg and body without organs. The transduction is pointed as part of the dynamics of differentiation both in the artistic and in a metastable conception of individuals / units, which focused to fundamentals about constitution of beings.

**Keywords:** art, individuation, transduction, creative process

Processo indivíduo-meio, transversalidade sujeito-máquina e a potência de atitudes diferenciais. Individuação, devir-ciborgue e corpo sem órgãos. Estas são os três conceitos-ferramenta articulados neste texto, relacionados à prática artística, sua instauração no mundo e ao movimento de transdução que garante processualidade. Consistem em chaves de acesso encontradas mediante uma deriva por aportes filosóficos contemporâneos na finalidade de traçar uma gramática potencializadora.

Circunscrita em investigações de poéticas visuais, tal iniciativa teórica parte de um desejo de intervir no espaço urbano, viabilizados por projetos de enfática abordagem técnica/tecnológica e atribuindo importância discursiva aos caminhos processuais de seu desenvolvimento em contextos específicos. No entanto, para além do mote inicial, o presente artigo visa apresentar ferramentas discursivas para um entendimento abrangente dos conceitos tateados. As premissas destacadas são aqui defendidas como princípios de aplicação para demais

procedimentos de criação artística – o que, certamente, também estabelece um instigante desafio intelectual e prático. São elencados, assim, conceitos que possam vir potencializar a prática em artes, como também lançar um novo olhar para os seres/objetos e sua dinâmica de constituição.

Salienta-se implicações contidas na relação instauradora sujeito-mundo (individuação), sua extensão produtiva pelo uso da técnica/dispositivos (devir-ciborgue), e o suscitar de novas dinâmicas sobre o estabelecido (corpo sem órgãos). Implicações situadas como um *processo* artístico em direto diálogo experimental com a vida. Para tanto, é estabelecido um percurso que perpassa principalmente conceitos dos pensadores Gilbert Simondon, Félix Guattari e Gilles Deleuze, sendo estes filósofos que investiram esforços para dobrar os cânones do pensamento moderno, a fim de produzir diferença, desconstruir o que separa o sujeito dos objetos no mundo. Na cartografia aqui esboçada, a arte e sua prática são compreendidas como âmbito convergente de pensamentos singulares.

Nessa trama, a transdução é contextualizada como elemento incluso em uma leitura sobre o processo de criação. Vale-se também no que considera as unidades criadas mediante um processo como potentes a mais criação, contendo em si uma incompletude germinal para diferenciações do ser.

### **Processo de criação como dinâmica de individuação**

Quais são os caminhos que instauram um indivíduo, uma unidade? No que isso vem a enriquecer o pensamento do processo criativo em arte? Como compreender a produção de objetos com intensa incompletude? – questões que insurgem em minha poética artística no passo em que vislumbro os trajetos desejanter/irrequietos que provocam a intenção inicial, transformando-a desde um “fora” enunciado pelo objeto estético criado. São transformações suscitadas no que distingue a prática a partir dela mesma, sem deixar de considerá-la imersa no mundo.

Como disparo inicial, encontra-se nas colocações de Gilbert Simondon – e em seus comentadores – um aporte para esses questionamentos. As principais obras aqui comentadas são *A Individuação* (2009) e *O Modo de Existência dos Objetos Técnicos* (2008). Nelas, Simondon desdobra um rico traçado filosófico que favorece a relação entre indivíduo-meio e produção inventiva de objetos suscitadores do ser no mundo e o mundo no ser. A escolha por esses aportes teóricos também é estabelecida pela abordagem indissolúvel entre indivíduo e objeto técnico, o desdobramento ético da cultura humana em face da natureza. Tal indissolução é compreendida na prática do objeto suscitado e suscitador de momentos específicos, como as hibridações tecnológicas que promovem a construção de corporeidades poéticas.

Nas assertivas de Simondon sobre individuação há uma vontade de escapar das determinações ontológicas que partem do indivíduo totalizado para legitimar sua formação. O autor percorre o caminho contrário: “em vez de compreender a individuação a partir do ser individuado, é preciso compreender o ser individuado a partir da individuação” (SIMONDON, 2009, p. 31 - 32). Deste modo, está proposto um novo modelo de como “algo se torna algo”, confrontando o pensamento clássico ocidental enunciado ou sob um viés idealista platônico – as coisas do mundo são aparência de ideias, a priori - ou sob a noção que há um molde intencional condicionador de uma substância – o que se encontra no princípio hilemórfico aristotélico. Acerca do hilemorfismo, para uma maior compreensão de seu sistema, Miguel Beistegui tece comentários a respeito:

o indivíduo não é o resultado de um molde que determina uma forma em um único golpe, provinda de uma matéria homogênea e sem forma, fornecendo uma matéria homogênea e amorfa, com sua forma determinada. Pelo contrário, é um processo (temporal) através do qual as ações, os atos de formação e cristalização são como um “germe recorrente de informações” em um meio já repleto de singularidades e diferenças energéticas (BEISTEGUI, 2004, p. 303).

Os objetos/indivíduos não são configurados como reflexo ou cópia de uma verdade já dada seja como essência ou como molde. Simondon propõe a individuação como um devir constituinte do e no indivíduo, pois o entende como não totalizado, mas potente à outra individuação, ser condicionado e condicionante de uma temporalização formal, processo informe – “pode-se dizer que o princípio único pelo qual podemos ser guiados é o da conservação de ser através do devir” (SIMONDON, 1992, p. 299). Vale frisar que o conceito de indivíduo está para um entendimento amplo sobre os objetos do mundo, concretos e abstratos; está relacionado ao que toma uma unidade, ou seja, ao que atesta uma identidade ou nomenclatura, mesmo provisória.

Ainda que a noção de indivíduo seja passível de emprego em tudo que se expressa como unidade de ser, a dinâmica de individuação tem sua expressão aguda nos viventes, onde a unidade identitária forma-se de modo precário, mas energético/potente no incompleto. Acentua-se a proposição instigante que coloca um ser individuado como parcial de seu espectro potente – está “presentificado” antes de finalizado. O aspecto presentificado de algo se refere a uma fase de seu complexo processo de constituição, percurso retido nele mesmo e com potência de defasagem. Não há estágio final consolidado quando o objeto vem a ser vivo ou estabelecer relações de corporeidade com os viventes.

Delimita-se, então, um indivíduo em uma dinâmica transformativa disparada no surgimento de mais-individuação pela possível defasagem do

estado presente. Sua incompletude se mantém em um resíduo de indefinição, o qual ainda não está individualizado: nos termos de Simondon, a indeterminação sempre se afirma como “pré-individual”. Se a noção idealista clássica coloca uma unidade individuada como estável e não suscetível à derivação, voltada e aspirante a um modelo já pronto, a inversão simondiana coloca a individuação em sistema metaestável potencial, e em uma virtualidade de ser outro – acerca desse aspecto em Simondon, Muriel Combes escreve:

Antes de cada individuação, o ser pode ser entendido como um sistema que contém energia potencial. Mesmo que ela existe em ato dentro do sistema, essa energia é chamada de potencial, pois, a ela visa à própria estrutura, ou seja, para fim de estrutura própria, isto é, para atualizar-se de acordo com determinadas estruturas, ela necessita uma transformação do sistema (COMBES, 1999, p. 11).

A precariedade do indivíduo refere-se à ideia de totalidade, pois nele há a potência do ser outro. Sempre é parte de um processo. A transdução, nesse apanhado conceitual, funda-se no que se entende por individuação em processo, sendo “a aparição correlativa de dimensões e de estruturas em um ser em estado de tensão pré-individual” (Simondon, 2009, p. 40). Trata-se de uma dinâmica transformativa suscitada no próprio ser, na potência de sua parcela incompleta, a qual estende em outras direções.

Virtualidade pré-individual e atualização em indivíduo. Uma dimensão de possíveis ante uma face parcial. Com a aproximação dessas premissas filosóficas encontram-se linhas outras para pensar o que somos – ou presentificamos no mundo. Resgatada dos movimentos de reprodução e transposição genética de micro-organismos, a transdução sob a perspectiva de constituição dos seres em geral, torna-se imagem para compreender os processos de variação no que envolve fluxos vivos; uma maneira de compreender unidades do ser no mundo em constante variação associada ao seu meio. Com efeito, além de nos situarmos como unidades parciais de um sistema metaestável/transformativo, nessa discussão, o humano também se manifesta como sujeito, pois inventa objetos técnicos e estéticos compreendidos em um meio de relações sociais, uma cultura.

Isto posto, no que tal pensamento vem a favorecer a noção de processo criativo na arte?

Podemos considerar dois momentos: a obra artística como um indivíduo parcial/atual de um plano de possibilidades e a concepção de individuação como a atividade processual criativa. Assim sendo, um procedimento artístico se vê como parte de uma dinâmica transformativa, derivante e portadora de um grau metaestável de satisfação e defasagem em si. O envolvimento com o fazer

artístico sempre mantém um espectro “pré-individual”, uma imanência ainda não definida, um objeto-porvir.

Vir ao encontro desse pensamento ressona em uma sensação particular de incompletude no decorrer da poética, tornando-a mais potência de ação. O que pode vir a ser uma sensação de insatisfação, por algo que parece não estar completo na finalização de cada feito artístico, com o apoio do princípio de individuação, torna-se incitador de mais criação em processo transdutivo. Ou seja, na própria incompletude da obra se atesta uma necessidade de mais diferenciação, a partir daquilo que ainda não tomou forma – sua parcela “pré-indivíduo”. Mas também, forjar essa potencialidade pré-indivíduo dos materiais, da ideia inicial, das capacidades técnicas para um feito singular, presente e instigante a outras derivações estabelece, muitas vezes, um exigente desafio; pois o incompleto do fazer não está em um resultado razoável, mas no ponto em que sugere mais criação.

Tal abordagem favorece a processualidade artística, lançando o olhar para o modo como uma obra se individua de maneira precária, ansiosa por uma completude inalcançável, mas parcialmente experienciada e impulsionada. O movimento processual da arte pode ser compreendido como um plano de virtualidade, de potência diferencial do ser. Abertura a uma pré-objeto, que nem é projeto, é potência de ser, sem fase identificável; uma possibilidade de elementos ainda não classificáveis. É sempre uma abertura do ser, um porvir na construção material, visto que não há cristalização identitária, mas um âmbito metaestável do que está presente, um acontecimento. O processo não gera atos isolados, mas um conjunto de ações transdutivas.

Atrelado a isso, para dilatar ainda mais sua incompletude, sua precariedade de ser ensimesmado e resolvido, o devir do objeto artístico se revela tanto pela ótica de seu criador como também na experimentação coletiva. Ele se realiza mediante um conjunto técnico processual intensivo além de ter a dimensão do sensível como modo de apreensão, pois é um objeto estético.

O objeto estético não é um objeto propriamente dito; é também parcialmente o depositário de certo número de caracteres de evocação que são sujeito da realidade, do gesto, esperando a realidade objetiva em que este gesto pode se exercer e se realizar; o objeto estético é objeto e sujeito de uma vez; espera o sujeito para pô-lo em movimento e suscitar nele por um lado a percepção e por outro a participação (SIMONDON, 2008, p.191-192).

Dispõe-se, portanto, uma dinâmica complexa que envolve a atividade artística. O processo criativo não se esgota em uma unidade criada, como também estabelece um vínculo com o sujeito, “uma prolongação do mundo

natural ou do mundo humano que permanece inserida na realidade que o suporta” (SIMONDON, 2008, p. 188). É, então, na intenção estética, a qual, obviamente, não se reduz apenas em obras de arte, onde se encontra uma indissolução vital do sujeito com o objeto, restituindo uma conexão contagiante com outros saberes - “a tendência estética é o ecumenismo do pensamento” (SIMONDON, 2008, p. 199). Desde a individuação ao caráter estético, situa-se também nessa discussão um modo de evitar a representação vertical, de afastamento mediador intelectual, inserindo o pensamento humano na experiência do mundo.

Fluxos processuais do indivíduo-meio e do sujeito-objeto. O destaque para tais princípios redimensiona a atividade artística como expressão imanente, inseparável da vida. A individuação, por sua tônica processual de constituição das coisas no mundo, salientando que indivíduo não se desvincula de uma circunstância causal, muito menos se encerra em uma totalidade; a atividade artística, imbuída na estética, como um percurso de devires que enunciam uma experiência transversal.

Como desdobramentos referentes à poética visual, o texto segue com duas notas complementares, sendo estas considerações contaminadas pela processualidade que constitui os seres, salientando outras resoluções criador/objeto/meio. Essas notas visam favorecer um olhar sobre o sujeito-técnico (devir-ciborgue) e o gesto-diferencial (corpo sem órgãos). O que se pretende salientar, principalmente, é um elogio à potencialidade do devir singular, mutável, transdutivo.

### **Dois Complementos: devir-ciborgue e corpo sem órgãos [CsO]**

Se considerarmos o caráter indissolúvel entre a trajetória do homem no mundo e a trajetória do objeto técnico, delineiam-se possibilidade de contágio entre ambos, tendo como tabuleiro o âmbito dos possíveis. São os fluxos e as intensidades que prevalecem sobre o objeto e/ou sujeito individuado. O devir-ciborgue pode ser entendido como uma operação que releva na máquina e no homem as potencialidades anteriores da separação individual. Para além de sua representação ficcional, torna-se conceito-ferramenta de transduções do ser para além dos limites do organismo ensimesmado. Conecta-se à virtualidade do pré-individual, a fim de derivar-se em um corpo híbrido outro.

Integre-se, pois, à corrente. Plugue-se. Ligue-se. A uma tomada. Ou a uma máquina. Ou a outro humano. Ou a um ciborgue. Torne-se um: devir-ciborgue. Eletrifique-se. O humano se dissolve como unidade. É só eletricidade (HARAWAY, 2009, p. 14).

Sempre há o diálogo com a vida, enquanto âmbito de possíveis. As maquinações são, assim, forças produtivas em um determinado corpo e meio.

Trata-se de uma abordagem mais voltada às dinâmicas da natureza e vida do que ao âmbito humano. Tanto o natural do homem como o artificial do objeto técnico apresentam as suas qualidades de máquina e de mundo natural.

A técnica, uma vez artificial, tem sua relação estrita com a natureza, é dada como um percurso de diferenciação do ser humano. A naturalidade está na capacidade autopoietica de manutenção de um sistema. A artificialidade de um objeto técnico consiste na contenção de informações naturais/humanas e que segue dependente de seu criador para manter-se existente. Quanto mais um objeto técnico não depende do homem, maior é o grau de naturalidade em si mesmo. O artificial se configura como um natural apreendido e dependente – “todo corpo tem suas artificialidades, toda máquina tem suas virtualidades: são os agenciamentos sociais nos corpos e nas máquinas” (PARENTE, 2010, p. 94). O objeto técnico não está absoluto de si; e humano já não estaria artificializado pela tecnologia para manter-se vivo na contemporaneidade? Pois, nessa perspectiva, o homem também é artificializado pela técnica na ótica do corpo/híbrido/ciborgue.

Com o ciborgue, a natureza e a cultura são reestruturadas: uma não pode mais ser o objeto de apropriação ou de incorporação pela outra. Em um mundo de ciborgues, as relações para se construir totalidades a partir das respectivas partes, incluindo as da polaridade e da dominação hierárquica, são questionadas (HARAWAY, 2009, p. 39).

E como pensar arte sem vínculo com a tecnologia de seu tempo? Como não considerarmos o alto grau de virtualização tecnológica que compreende o fazer do homem hoje? Assumir uma tecnicidade do homem em acoplamento de máquinas concretas (objetos técnicos), uma disposição técnica de produção (devir-ciborgue) pode resultar em um olhar processual não apenas à intenção subjetiva do artista, como também as intenções inscritas na máquina, que não é neutra, carrega consigo uma informação técnica como também parte intencional da ideologia de seu criador. Um olho aguçado sobre o que implica produzir hoje, uma atitude ético-política. Um artista ao utilizar a máquina fotográfica, por exemplo, condiciona seu olhar de diferença ao fotografável da máquina, ao passo que também explora uma potencialidade pré-individual da fotografia – o que ela pode vir a ser na diferença. Em quaisquer circunstâncias, o devir-ciborgue artístico é aquele que está nos fluxos virtuais da criação tanto de si quanto do meio.

A arte, derivando essa perspectiva “mecanosférica”, pode ser entendida como um mecanismo/agenciamento de forças, uma máquina abstrata aberta a devires. No movimento de articular atividade artística como maquinação abstrata, o teórico Stephen Zepke explana que:

a máquina abstrata é o vital mecanismo de um mundo emergente como novo, é o mecanismo de criação operando no nível do real. Aqui, um novo mundo se abre, um mundo vivido no qual nada é dado exceto criação. Para abrir um mundo, pra construir um novo tipo de realidade [...] A obra de arte entendida dessa maneira proverá uma experiência real, uma experiência destas condições reais, uma experiência de e com esta máquina abstrata imanente, no processo de (re)construir realidade (ZEPHKE, 2005, p. 2 - 4).

Nessas considerações, a arte habita a multiplicidade de um plano imanente e virtual, experienciado na natureza, não separado do ser. O devir-ciborgue torna-se uma possibilidade de hibridação entre seres, sejam orgânico ou inorgânicos, reestruturando territórios, desterritorializando indivíduos. Na implicação dos objetos técnicos no mundo natural das coisas, acaba-se por desvendar uma perspectiva maquínica no sujeito. “Por que nossos corpos têm que terminar em nossas peles?” (HARAWAY, 2009, p. 37). Enseja-se uma expansão do corpo em transdução do ser, fraturando as próprias certezas no contato com meios e no desafio de sua aplicação no espaço.

No devir-ciborgue se compreende a atitude de reconfiguração das funções do corpo, desierarquização dos órgãos, criando um novo corpo potencial que extrapola a pele e se conecta a outras maquinações: um corpo expandido em um plano imanente. No pensamento da prática arte/objeto/meio, sua derivação e construção para além de organismos fechados, pode-se complementar tal discussão no conceito do *corpo sem órgãos*, pertinente para impulsionar a prática no espaço e, por ele, transformar certezas individuais, modos de operação típicos, desgastados ou em processo de defasagem e transdução criativa. Tal conceito está vinculado ao desejo de superar e transformar um organismo.

Deleuze e Guattari em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (1999) versam sobre esse conceito, resgatado de Antonin Artaud, poeta que ansiou pela superação do deus hierarquizante, aquele que toma a vida como um aparelho absoluto e, assim, limitado em suas funcionalidades. Um desejo de diferença, rebeldia contra a funcionalidade estrita, vinculada ao órgão condicionado pelo metabolismo; entendimento do indivíduo orgânico a partir de sua forma final, no qual não compreende sua potência germinal. E o corpo humano apenas opera para as funcionalidades inscritas em sua dimensão orgânica?

O CsO [Corpo sem Órgãos] é o campo de imanência do desejo, o plano de consistência do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria a torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo) (DELEUZE, GUATTARI, 1999, p. 15).



O CsO torna-se uma maquinação desejante presente em todo regime que restringe a vida à base de funções vitais. Vale frisar que, nessa abordagem, organismo não está apenas nos corpos orgânicos individuados. Também se encontra nos aparelhos que visam operar sobre a vida expurgando desejo de diferença. São dos órgãos do corpo que insurgem o lançar diferencial/singular contra o organismo fechado. Não se trata de uma negação do órgão, mas do regime sobre ele. O organismo só confere um prazer de consumação funcional, mas não suprime o desejo, pois desejo é diferente de prazer; ele não termina na consumação-clímax de um objetivo, sempre está para um processo. Os feitos do desejo são resultados sempre incompletos de uma maquinaria / individuação transdutiva constante – “o orgasmo é apenas um fato, sobretudo incômodo em relação ao desejo que persegue seu direito” (Ibidem, p. 19).

Desconsiderando o regime dos organismos, o CsO, por ser sempre potencial, é visto como análogo à constituição orgânica de um ovo, o estágio zero onde as coisas estão prestes a começar. Abertura do ser, plano pré-individual indefinido: um plano de imanência, experienciado nas coisas do mundo. Um corpo ansiado de transdução, de individuação em processo. Seu modo de existência permanece concomitante à sua distinção sendo que sua defasagem torna-se processo no passo em que sua diferença esmaece. O CsO mostra-se como um apelo intempestivo de diferença sobre o poder verticalizado do organismo, dos aparelhos orgânicos, semânticos, estatais. Desejo de processo transformativo em diferentes instâncias da vida.

Algum esforço em situar a manifestação artística como acionadores de um Corpo sem Órgãos? Pois o fazer artístico volta-se aos novos mundos em um meio já estabelecido, acessa a potência vital com suas atitudes diferenciais. O que move o processo de criação é tão só o desejo e, acessado a ele, aumenta-se o mundo que vivemos transvalorizando-o. Há tantos espaços quanto podemos inventar sistemas de códigos influentes nos modos de vida.

## **Considerações Finais**

A transdução, sendo uma potência de diferenciação processual que se prolonga nas fases do ser, pode ser delimitada como uma leitura à dinâmica de produção em artes, conferindo aos objetos criados e às convicções poéticas de artistas/pesquisadores um caráter metaestável e em devir. Individuação, devir-ciborgue e corpo sem órgãos são cartografados em um percurso de pesquisa em arte visuais e acabam por se consolidar como imagens transformativas do pensamento.

Deste modo, podemos situar a atividade artística em uma pulsação vibrátil de vida na produção humana, não a distinguindo como uma disciplina institu-

cionalizada, mas um modo de atuação. Quantos devires-artista manifestamos em vida? O presente esboço cartográfico de teorias vem a indicar um caminho rumo à processualidade, tanto no fazer, como na constituição dos seres que somos, criamos ou nos conectamos. Antes o processo ético no mundo que as formas de pretensão absoluta.

## Referências Bibliográficas

BEISTEGUI, Miguel de. *Verdade e Gênese: Filosofia como diferencial Ontologia*. Indianapolis: Indiana, 2004.

COMBES, Muriel. *Simondon: Individu et coletivo*. Pour une philosophie du transindividuel . Paris: PUF, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia: capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 3. São Paulo: 34, 1999.

HARAWAY, Donna. *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós humano*, Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PARENTE, A. *Enredando o Pensamento: redes de transformação e subjetividade*. In: PARENTE, A. (Org.). *Tramas da Rede*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SIMONDON, G. A Gênese do Indivíduo. In: LANCETTI, A. (Org.). *Cadernos de Subjetividade: o reencantamento do concreto*. São Paulo: Hucitec, 2003.

\_\_\_\_\_. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier-Montaigne, 2008.

\_\_\_\_\_. *La individuación*. Buenos Aires: Editorial Catus / La Cebra Ediciones, 2009.

ZEPKE, Stephen. *Art as Abstract Machine. Ontology and Aesthetics in Deleuze and Guattari*. New York: Routledge, 2005.

---

## Minicurrículo

Elias Maroso possui bacharelado em Artes Visuais (UFSM) e especialização em Design de Superfície (PPGDS/UFSM). É membro fundador da Sala Dobradiça (Santa Maria/RS) e integra o Grupo Arte e Design (CNPq/UFSM). Atualmente cursa o Mestrado em Artes Visuais, na linha Arte e Tecnologia (Poéticas Visuais) com uma pesquisa voltada à noção de contágio semântico, formal e estrutural do objeto artístico em contextos urbanos de inserção.